

Exame de Direito das Sucessões – Turma B
Prof.^a Doutora Margarida Silva Pereira – 22/07/2019
Tópicos de correcção

Sucessão legítima. Quando **João** faleceu, deixou sobreviventes três sucessíveis legítimos: a mulher, **Madalena**, e os dois pais, **Rita** e **Salvador** (2157.º e 2133.º/1/b)). Sendo certo que, na convenção antenupcial, **João** e **Madalena** tinham utilizado a faculdade prevista no artigo 1700.º/1/c) (renúncia recíproca à condição de sucessível legítimo) – de forma, de resto, válida (1700.º/3) –, a verdade é que a cláusula ficou condicionada à sobrevivência de descendentes (1707.º-A/1). Assim, não tendo **João** deixado descendentes sobreviventes, a cláusula não é eficaz, mantendo-se **Madalena** como sucessível legítima.

Em caso de concurso entre cônjuge e ascendentes, a quota indisponível é de 2/3 da herança (2161.º/1). Para cálculo da quota indisponível é necessário apurar o valor total da herança legítima, à luz do artigo 2162.º. Não havendo informação no caso sobre qualquer doação feita em vida por **João**, o valor total da herança seria 90.000€ (130.000€ de *relictum* mais 0 de *donatum* menos 40.000€ de passivo (fórmula da Escola de Lisboa)). Assim, a quota indisponível valeria 60.000€ (90.000€ X (2/3)).

A divisão da quota indisponível entre o cônjuge e os ascendentes não é feita segundo a regra da divisão por cabeça, mas antes nos termos do artigo 2142.º/1 (aplicável *ex vi* 2157.º): ao cônjuge cabem duas terças partes da legítima objectiva, sendo a terça parte restante dividida por cabeça entre os ascendentes (2142.º/3). Assim, **Madalena** teria direito a uma legítima de 40.000€ (60.000€ X (2/3)); **Rita** e **Salvador** ficariam com 10.000€ cada um ((60.000€/3) / 2).

Contudo, sabemos que **Salvador** foi condenado por denúncia caluniosa contra **Madalena**, em termos enquadráveis nos artigos 2034.º/b) e 2035.º/1. Assim, assumindo a indignidade sucessória de **Salvador** (embora se valorize a referência à divergência quanto à necessidade ou não de declaração judicial da incapacidade), este ficaria numa situação de não poder aceitar (2037.º/1). Nesse caso, quanto à legítima de **Salvador**, opera o direito de acrescer (*rectius*: direito de não decrescer) a favor de **Rita**, exclusivamente (2143.º). Nessa medida, mantendo **Madalena** a sua legítima de 40.000€, o quinhão legítimo de **Rita** passa a ser de 20.000€.

Sucessão testamentária. Em 2014, **João** fez testamento público (2205.º). A primeira cláusula continha uma disposição enquadrável no artigo 2182.º/2/b): embora o testamento

seja, em regra, um acto pessoal e não possa ficar dependente do arbítrio de outrem no que respeita à nomeação de legatários (2182.º/1), a alínea b) do artigo 2182.º/2 permite ao testador cometer a terceiro a nomeação de legatário entre pessoas por si determinadas. Ora, ao identificar o bem (colecção de vinhos franceses) e as pessoas concretas de entre as quais os seus herdeiros legais deveriam escolher o beneficiário da deixa, **João** cumpriu os requisitos da norma, sendo a disposição válida. Assim, a colecção de vinhos franceses (6.000€) ficaria para aquele dos primos paternos que fosse escolhido pelos herdeiros de **João**. É ainda de referir que qualquer interessado teria a faculdade de pedir ao tribunal a nomeação do legatário, sob cominação de a distribuição do legado ser feita pelos cinco primos em partes iguais (2182.º/3).

O remanescente da quota disponível (no valor de 24.000€ (30.000€ - 6.000€)) fora dividido pelo testador entre três pessoas: **David**, **Francisca** e **Vanda**. Sabemos, porém, que **Vanda** repudiou. A cláusula número 4 do testamento previa a substituição (directa) recíproca dos herdeiros instituídos, nos termos dos artigos 2281.º e 2283.º/1. Assim, não querendo **Vanda** aceitar o seu quinhão, **David** e **Francisca** substituí-la-iam (havendo substituição directa, não operaria direito de acrescer – 2304.º). Sendo os quinhões de **David** e **Francisca** desiguais, e não havendo no testamento qualquer especificação diversa, no momento da substituição haveria que respeitar a proporção (2283.º/2). Em concreto, **David** tinha uma quota (1/2, ou 12.000€) que era o dobro da de **Francisca** (1/4, ou 6.000€). Nessa medida, a parte de **Vanda** (6.000€) seria distribuída entre **David** e **Francisca** na proporção 2/3 – 1/3: **David** ficaria com 4.000€ e **Francisca** com 2.000€. No final, **David** receberia 16.000€ (12.000€ + 4.000€) e **Francisca** 8.000€ (6.000€ + 2.000€).

Sobre o quinhão de **Vanda** existia um encargo (a favor de **Antónia**). Uma vez que os substitutos sucedem nos direitos e obrigações em que sucederiam os substituídos (2284.º), tanto **David** como **Francisca** teriam, por um lado, o direito de repudiar o quinhão a que **Vanda** fora chamada, como, por outro lado, no caso de aceitarem a substituição, a obrigação de cumprir o encargo a favor de **Antónia**.

Os alunos não devem confundir esta situação (substituição directa) com o que se prevê no artigo 2306.º (acrescer).

MAPA DA PARTILHA

Successíveis	QI (60.000)	QD (30.000)	Total (90.000)
Madalena	40.000	–	40.000

Rita	20.000 (10.000 + 10.000* ¹)	–	20.000
Salvador	–* ²	–	–
Primo * ³		6.000	6.000
David		12.000 + 4.000* ⁴	16.000
Francisca		6.000 + 2.000* ⁴	8.000

*¹Direito de acrescer

*²Indigno

*³ O que fosse escolhido pelos herdeiros de João; em alternativa, divisão pelos 5 primos (2182.º/3)

*⁴No caso de aceitar a substituição face a Vanda